

BERKHOF, Louis. **Princípios de interpretação bíblica.** Juerp, 1981. 173p. Resumido por JLHack em junho de 1986. [Teórico e bastante árido para ler. Muito bom conteúdo sobre a história da interpretação.]

1. Introdução

Hermenêutica é a ciência da interpretação (teoria), enquanto exegese é a arte (prática). É estudada visando interpretar produções literárias do passado. A Hermenêutica Sacra estuda a Bíblia e é importante pois: a) uma teologia pessoal correta só pode ser fornecida pelo estudo bíblico; b) os sermões devem ter sólida fundamentação exegética; c) as dúvidas dos crentes trazem necessidade de interpretar passagens bíblicas; d) é preciso defender a Bíblia da alta crítica.

2. História entre os judeus

Como ciência a Hermenêutica iniciou ±1567dC. Seus princípios são mais antigos.

A) JUDEUS DA PALESTINA: tinham profundo respeito à Bíblia (principalmente ao Pentateuco). Distinguiam entre o sentido literal e sua exegese, dividida entre uma classe mais legalista e outra mais livre. Uma fraqueza era a exaltação da Lei Oral acima da Lei Escrita. Um de seus maiores intérpretes foi Hillel.

B) JUDEUS ALEXANDRINOS: adotavam o princípio platônico de que não se deve crer em fatos indignos de Deus. Filo foi o líder deste método que alegorizava o sentido do texto sempre que os fatos poderiam “contradizer” a dignidade de Deus.

C) CARAÍTAS: seita fundada ±800dC por ben David. Consideravam o AT como única autoridade de fé, desprezando a tradição oral dos rabis e com exegeses mais corretas.

D) CABALISTAS: movimento do século 12 que admitia o poder sobrenatural até das letras, conseguindo novos significados para os textos mexendo com suas letras.

E) ESPANHÓIS: no período escuro da exegese cristã (séculos 12 a 15), alguns judeus da península Pirenaica desenvolveram uma interpretação mais sadia do AT.

3. História na igreja

A) PERÍODO PATRÍSTICO.

i) Escola de Alexandria: união do judaísmo com o helenismo no século 3. Influenciada pelo neoplatonismo e gnosticismo. Clemente propôs a interpretação alegórica como “mais profunda”.

ii) Escola de Antioquia: fundada no século 3 por Diodoro. Teodoro de Mopsuéstia era liberal e bom exegeta. João Crisóstomo foi eloquente e conservador. Usaram o método histórico-gramatical na interpretação.

iii) Escola ocidental: exegese influenciada pela tradição e pela Igreja. Jerônimo fez fama pela tradução da Vulgata. Agostinho se destacou na sistematização das doutrinas. Interpretação quádrupla.

B) IDADE MÉDIA: a interpretação adaptou-se à tradição da igreja. Havia ignorância do conteúdo da Bíblia e as doutrinas eram “achadas” nela. Tomás de Aquino e Nicolau de Lira enfatizaram o sentido literal dos textos, quebrando conceitos da época.

C) REFORMA: a Renascença mostra a necessidade de voltar aos originais, assim como Reuchlin e Erasmo. Reformadores criam na infalível e inspirada Palavra de Deus, indo contra a infalibilidade da Igreja. Adotaram o princípio de interpretação da Bíblia pela Bíblia.

i) Lutero a traduziu pro alemão. Defendeu o juízo privado, salientou a dependência do Espírito e a importância do contexto histórico, tentando achar Cristo em toda a Bíblia.

ii) Melanchton era a mão direita de Lutero, com grande talento e extenso conhecimento. Admirável intérprete, adotou o princípio de que a interpretação deve ser gramatical antes de ser teológica e de que só há um sentido na Bíblia.

iii) Calvino foi o maior exegeta da Reforma. Cria na tipologia do AT, mas não como Lutero. Enfatizou o dever de descobrir o que realmente o autor diz.

iv) Católicos: não progrediram na exegese. O Concílio de Trento defendeu a interpretação em harmonia com a tradição, a Vulgata e as doutrinas da Igreja e dos Pais.

D) CONFESSIONALISMO: os reformadores caíram no erro que condenaram, tornando a exegese serva da dogmática (incorporada nas Confissões). As reações contra esta tendência foram:

i) Socinianos: queriam interpretar a Bíblia de acordo com a razão. Rejeitaram doutrinas iracionais (exemplo: Trindade).

ii) Coccejus: afirmava a pluralidade de sentidos das palavras das Escrituras. Exagerou na tipologia. Chamou atenção para a Bíblia como um todo.

iii) Pietistas: insistiam no estudo dos originais, sob a direção do Espírito. Excessiva espiritualidade: desprezaram a ciência e descobriram ênfases onde não existiam.

E) PERÍODO HISTÓRICO-CRÍTICO: reagindo às interpretações dogmáticas, o período voltou-se para a interpretação histórico-gramatical. Entretanto, negou-se a inspiração das Escrituras. Foi marcado por duas escolas:

i) Gramatical: Ernesti estabeleceu 4 princípios (só o sentido literal é válido, interpretações alegóricas devem ser evitadas, a gramática bíblica é semelhante à secular, as doutrinas não podem determinar o sentido).

ii) Histórica: Semler enfatizou a origem histórica e o contexto dos livros bíblicos. Colocou a razão como árbitro da fé, supondo ser a Bíblia produto humano falível.

O período revelou três tendências:

i) Ala Racionalista: desenvolveu a ideia de Semler, eliminando o sobrenatural e colocando a razão como base da fé.

ii) Reação ao racionalismo: na escola de conciliação (Schleiermacher negou a inspiração bíblica, separando assuntos essenciais através da ciência crítica) e na escola de Hengstenberg (defendeu a inspiração).

iii) Outras tentativas: no fim do período havia tendências de complementar o método gramatical-histórico com Kant (interpretação moral e ética), Olshausen (“sentido mais profundo” = revelação de Cristo), Germar (interpretação pan-harmônica) e Beck (interpretação espiritual).

4. A Bíblia

Características que pesam na interpretação.

A) INSPIRAÇÃO: é a influência do Espírito sobre os escritores, tornando seus escritos suficiente regra de fé e prática (infalível).

i) provas bíblicas: órgãos de revelação (mensagens proféticas, Ex 7:1; Espírito ensinando apóstolos, Jo 14:26), Palavra escrita (citações do AT como autoridade, Rm 3:2; identificação das Escrituras como o que Deus diz, Gl 3:8; não é produto só de homens, 2Tm 3:16, 2Pd 1:19-21) e palavras literais dos escritores (1Co 2:7-13).

ii) autoria divina e humana: ao inspirar os escritores, o Espírito não reduziu suas individualidades ou liberdade de expressão, só não permitiu que suas naturezas pecaminosas se expressassem.

iii) Objeções: alguns a refutam devido a “erros” encontrados, mas são apenas dificuldades de ajustamentos.

B) UNIDADE E DIVERSIDADE: a Bíblia tem um autor principal (Espírito) e seu conteúdo revela admirável unidade numa revelação progressiva. Há diversidade: entre o AT e o NT (conteúdo, forma, linguagem), entre os livros individualmente, entre formas de revelação (narrações, discursos, profecia ou poesia).

C) UNIDADE DE SENTIDO: isto provém da veracidade de Deus, do propósito da sua revelação, da relação com a natureza e da linguagem usada. É preciso distinguir entre o sentido real e o que é dado pelos intérpretes, entre significado e aplicações, entre o literal e o místico.

D) ESTILO: simplicidade na linguagem usada e no estilo; vividez (verdades abstratas são apresentadas em formas concretas, a natureza é personificada, redundâncias e descrições pintadas); uso extensivo da linguagem figurada; paralelismo na poesia (sinônimo [similar ou idêntico], antítetico [simples ou composto], sintético [correspondente ou cumulativo] e inverso); influência do aramaico na linguagem do NT.

E) EXEGESE: cada um pode investigá-la e interpretá-la por si mesmo. Deve ser livre para estudá-la sem pressuposições, mas o resultado é limitado pelas regras de interpretação da própria Bíblia.

5. Interpretação gramatical

A) SIGNIFICADO ISOLADO: é melhor iniciar a interpretação estudando as palavras isoladas, considerando sua etimologia (origem das palavras), uso corrente (significações possíveis da palavra; há palavras raras cujo sentido perdeu-se no tempo) e sinônimos (ver o em comum e as diferenças).

B) SIGNIFICADO NO CONTEXTO: o sentido é dado pelas palavras empregadas; cada palavra só pode ter um sentido em cada texto; há casos em que vários significados são reunidos para ampliar o sentido da palavra; palavra usada do mesmo modo mais de uma vez deve ter o mesmo sentido.

C) AJUDAS INTERNAS: explicações dadas pelos autores; relação entre sujeito e predicado; paralelismos; correlação de passagens.

D) USO FIGURADO:

i) Principais figuras de linguagem: metáfora (comparação não expressa), metonímia (relação mental), sinédoque (relação física).

ii) Auxílios para reconhecê-lo: é impossível em certos escritos (exemplo: leis); em geral não é figurado; usar as ajudas internas.

iii) Princípios: é preciso conhecer bem de onde são tiradas as figuras; deve-se descobrir a ideia principal da comparação; figuras são limitadas para expressar a realidade; pode-se tentar expressá-las em sentido literal.

E) INTERPRETAÇÃO DO PENSAMENTO:

i) Há idiotismos (hendíades, genitivos substituindo adjetivos), figuras que avivam expressões (símile, alegria), que as abreviam (elipse, braquiologia, constructio praegnans, zeugma), que as abrandam (eufemismo, litotes, meiose) e que as fortalecem (ironia, epizênis, hipérbole).

ii) no hebraico e grego as sentenças têm certa ordem regular de componentes e sua alteração indica ênfase diferente.

iii) Casos e preposições: deve-se estar atento para as diferenças sutis entre eles.

iv) Conexão lógica entre sentenças: estudar os particípios e conjunções.

v) Fluxo: conhecer a lógica do autor para entender a sequência.

F) AUXÍLIOS INTERNOS: propósito do autor (é preciso conhecê-lo para entender por que es-colheu certas palavras e expressões); o contexto determina o sentido (observar conjunções, parênteses, digressões, anacolutos); o paralelismo ajuda a entender o sentido.

G) AUXÍLIOS EXTERNOS: gramáticas, dicionários, concordâncias, comentários e obras especiais. Primeiro deve-se interpretar a passagem sozinho, definir as dúvidas e comparar sua interpretação com a dos outros.

6. Interpretação histórica

A) DEFINIÇÃO: é o estudo considerando as circunstâncias originais dos livros. A Bíblia só se entende à luz da história. Deve-se conhecer o contexto do autor para entendê-lo. O exegeta deve tentar conhecer a vida do autor e reconstruir seu ambiente original, considerando as influências recebidas e os personagens narrados.

B) CARACTERÍSTICAS PESSOAIS: é preciso descobrir a vida íntima do autor, sua profissão, quando ele fala e quando são os personagens, conhecer a vida destes.

C) CARACTERÍSTICAS SOCIAIS: conhecer a geografia envolvida (Terra Santa) e o ambiente político (história de Israel e seus vizinhos) e religioso (conhecer os ritos da lei e os períodos de degradação).

D) CIRCUNSTÂNCIAS PECULIARES: os livros foram escritos visando necessidades particulares do leitor original. Conhecer o propósito do autor e as suas condições de vida quando escreveu.

E) ELEMENTOS: internos (a própria Bíblia explica muitas coisas) e externos (inscrições, escritos históricos e descobertas arqueológicas ajudam a entender a época).

7. Interpretação teológica

A) A Bíblia é a Palavra de Deus, formando um todo orgânico, no qual o AT se relaciona com o NT como profecia e cumprimento. As deduções implícitas nela também são Palavra de Deus.

B) Deus é o autor e revela o mesmo propósito no AT e NT. A revelação foi progressiva, mas única. O critério da redenção sempre foi a fé e as diferenças de privilégio e deveres são relativas. O AT é a chave para entender o NT e este explica o AT. Os livros se inter-relacionam e é preciso conhecer a mensagem permanente que cada um tem.

C) SENTIDO MÍSTICO: é evidente e indicado pela própria Palavra. Há relações entre o mundo natural e o espiritual, e eventos históricos se repetem. É preciso saber interpretar o natural para entender o sentido místico envolvido.

D) TIPOS E SÍMBOLOS: o significado dos fatos históricos pode ser simbólico (ilustrando verdades espirituais) ou tipológico (tipos são figuras de uma realidade futura). O tipo deve ter uma semelhança notável com seu antítipo e ser indicado nas Escrituras. Para entendê-lo, deve-se analisar seu significado simbólico e verificar o que está tipificando. Geralmente tem apenas um significado, que está sempre num estágio espiritual e superior.

E) PROFECIA: é a proclamação do que Deus revelou sobre o passado, presente ou futuro. Interessa-se pelo Reino de Deus e a obra de Cristo. Tem caráter orgânico, histórico, condicional; tem sua própria perspectiva; sua linguagem nem sempre é simbólica e está presa aos conceitos de sua época; pode ser através de ações. Interpretação: o sentido é literal a não ser que se indique o oposto; deve-se buscar sua ideia fundamental; ações simbólicas são reais (a não ser quando indicado); há profecias que se cumprem em etapas; deve-se estudá-las à luz de seu cumprimento.

F) SALMOS: têm natureza individual, mas caráter representativo. São inspirados por Deus. Interpretação: o contexto da composição deve ser estudado quando indicado; conhecer o caráter do poeta no momento; revelam a vontade de Deus; há salmos messiânicos e outros indiretos; salmos

imprecatórios expressam o desejo de ver a santidade de Deus eliminando o pecado (visto como sendo o pecador).

G) SENTIDO IMPLÍCITO: pode-se ler nas entrelinhas e fazer deduções coerentes com o resto da revelação.

H) ELEMENTOS: paralelismos reais (de assuntos e fatos) e de ideias (históricos ou didáticos). As citações do AT no NT também são passagens paralelas. Analogia da fé: são os princípios explícitos e deduzíveis da Bíblia sustentados por várias passagens.